



Ed Alves CB/DA Press

“Descobrir que teria três meninas de uma vez foi o susto mais incrível da minha vida. Já senti a responsabilidade três vezes maior em ser minha melhor versão de mãe e mulher, pois eu estaria formando futuras mulheres”

Carol Mocellin, mãe das trigêmeas Angelina, Betina e Helena, de 4 anos

rua e minhas filhas não quiseram tirar foto, conversar ou abraçar. Não forço elas a nada, muito menos abraçar quem não querem. São crianças, e respeito a vontade delas. Depois disso, tentaram me ofender por mensagem.”

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, os pais que desejam compartilhar fotos e vídeos de seus filhos na internet devem tomar medidas protetivas para garantir que o conteúdo não seja usado para fins maliciosos. E não é diferente com a mãe das trigêmeas, em que esse cuidado não se restringe apenas ao ambiente virtual: “Eu tomo muito cuidado com tudo o que publico delas. Não posto sem roupas, tenho o cuidado de não postar de calcinha nem tomando banho. Eu já sou uma mãe muito cuidadosa com relação a isso no dia a dia mesmo, não só na internet. Hoje, precisamos ter cuidado com tudo.”

fase da vida delas haverá algo para ensinar, para corrigir. Desde sempre, eu não perco a oportunidade de ensinar, de responder a uma pergunta que elas fazem, que são muitas. Eu, como mãe, preciso ensinar da forma certa, de acordo com nossos princípios e valores. Se nós, mães, não ensinarmos, alguém vai ensinar, e aí está o perigo”, acredita Carol.

Com um perfil nas redes sociais para compartilhar sua rotina com as meninas e os desafios da maternidade, Carol conta que, mesmo criando conteúdo, suas filhas não sabem o que é o mundo digital, e com isso fica mais fácil protegê-las. “Algumas pessoas nos encontraram na

Não esquecer quem você realmente é

A relação entre mães e filhas desempenha um papel crucial na construção da identidade feminina, especialmente em uma sociedade que, historicamente, impõe desafios às mulheres. No livro *O que quer uma mulher?*, lançado no Dia Internacional das Mulheres, a psicóloga e terapeuta Rosângela Macedo reflete sobre como o patriarcado moldou essas relações e impactou a forma como as mães criam suas filhas.

Ela explica que, ao longo dos séculos, o patriarcado dominou as estruturas sociais, estabelecendo regras e leis que oprimiram a energia feminina. “Só para você ter ideia, o patriarcado é dominante há, no mínimo, quatro mil anos. As leis, as regras, tudo o que a gente conhece é regido por essa estrutura”, afirma.

Como consequência, muitas mulheres passaram a imitar comportamentos masculinos. “As mulheres, para se sentirem parte do mundo, passaram a imitar o comportamento masculino para serem aceitas e fazerem parte do mercado de trabalho. O mínimo de respeito que uma mulher precisa ter, ela precisa imitar o comportamento masculino para conseguir”, pontua.

Esse processo reflete diretamente na criação das filhas. Segundo Rosângela, muitas mães não possuem uma referência forte do feminino para transmitir, o que pode dificultar a construção da identidade das meninas. “Como as jovens, as filhas vão lidar com esse espelhamento com o feminino se essa mãe não tem isso também para dar?”, questiona.

No livro, ela aborda como a maternidade, ao longo da história, foi vista como a principal função da mulher, fazendo com que muitas mães perdessem outras formas de se reconhecer no mundo. Isso pode levar à chamada síndrome do ninho vazio, quando os filhos saem de casa e a mulher se vê sem um propósito além da maternidade. “Às vezes, algumas mães ficam tão em função da maternidade, porque trouxeram isso para as mulheres de uma forma muito cruel, que, quando chegam à melhor idade e perdem os filhos, ficam desesperadas, porque não sabem que outro lugar no mundo podem ocupar além da maternidade”, observa.

Para Rosângela, é essencial resgatar a energia feminina e fortalecer o papel das mulheres para além da criação dos filhos. Antes de serem mães, elas são mulheres — e já foram filhas um dia. “No meu livro, eu trago uma reflexão do quanto as mulheres precisam resgatar o empoderamento dessa energia psíquica feminina. Porque, antes de ser mãe, nós somos mulheres”, conclui.